

Escrever sem escrever

literatura e apropriação no século XXI

Leonardo Villa-Forte



© Leonardo Villa-Forte, 2019

© **Editora PUC-Rio**

Rua Marquês de S. Vicente, 225, casa Editora PUC-Rio

Rio de Janeiro, RJ – 22451-900

Tel.: (21) 3527-1760/1838

www.puc-rio.br/editorapucRio | edpucRio@puc-rio.br

Conselho gestor: Augusto Sampaio, Danilo Marcondes, Felipe Gomberg, Hilton Augusto Koch, José Ricardo Bergmann, Júlio Diniz, Luiz Alencar Reis da Silva Mello, Luiz Roberto Cunha e Sergio Bruni

© **Relicário Edições**

Rua Machado, 155, casa 2, Colégio Batista

Belo Horizonte, MG – 31110-080

www.relicarioedicoes.com | contato@relicarioedicoes.com

Coordenação editorial: Maíra Nassif

Conselho editorial: Eduardo Horta Nassif Veras (UFTM), Ernani Chaves (UFPA), Guilherme

Paoliello (UFOP), Gustavo Silveira Ribeiro (UFMG), Luiz Rohden (Unisinos), Marco Aurélio

Werle (USP), Markus Schäffauer (Universität Hamburg), Patrícia Lavelle (PUC-RIO), Pedro

Süssekind (UFF), Ricardo Barbosa (Uerj), Romero Freitas (UFOP), Virginia Figueiredo (UFMG)

Preparação de originais: Ivone Teixeira

Revisão tipográfica: Cristina da Costa Pereira

Projeto gráfico de miolo: Flávia da Matta Design

Fotos Pré-histórias 2 e Delírio de damasco (Veronica Stigger): Eduardo Sterzi

Foto Tree of Codes (Jonathan Safran Foer): Visual Editions. Designer: Sara de Bondt

Foto Leonardo Villa-Forte: Ilana Bessler

Projeto gráfico de capa: Caroline Gischewski

A pesquisa que deu origem a este livro foi selecionada pelo Departamento de Letras da PUC-Rio para concorrer ao Prêmio Dirce Cortês Riedel para Dissertações e Teses da Associação Brasileira de Literatura Comparada em 2017.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Villa-Forte, Leonardo

Escrever sem escrever : literatura e apropriação no século XXI / Leonardo Villa-Forte. – Rio de Janeiro : Ed. PUC-Rio ; Belo Horizonte, MG : Relicário, 2019.

224 p. : il. ; 21 cm

Inclui bibliografia

ISBN (PUC-Rio): 978-85-8006-265-6

ISBN (Relicário): 978-85-66786-87-3

1. Autoria. 2. Escrita. 3. Literatura moderna – Séc. XXI. I. Título.

CDD: 808.02

Elaborado por Lizandra Toscano dos Santos – CRB-7/6915
Divisão de Bibliotecas e Documentação – PUC-Rio



DEDICO ESTE
ENSAIO À
CAPACIDADE
DA LITERATURA
DE SE COLOCAR
EM PERIGO
E DUVIDAR
DE SI MESMA.

SUMÁRIO





PREFÁCIO	9
VERA LÚCIA FOLLAIN DE FIGUEIREDO	
INSERÇÃO	17
O ESTADO DOS TEXTOS	39
RECONFIGURAÇÕES	64
O AUTOR-CURADOR	83
NOMENCLATURA	86
DISTÂNCIA E PROXIMIDADE	92
TECNOLOGIA	101
USUÁRIO-INTERFACE/ARTISTA-PROGRAMAÇÃO	106
ESCRITA, MATÉRIA, SENTIDOS EM PROFUSÃO	123
ITINERÁRIO, COMPOSIÇÃO E REDE	133
NÃO ESCREVER, UMA PRÁTICA ARTÍSTICA	149
ESCRITA CONCEITUAL E A OBRA DE KENNETH GOLDSMITH	167
FLUTUAÇÃO	197
REFERÊNCIAS	213
AGRADECIMENTOS	221
SOBRE O AUTOR	223



PREFÁCIO

Costurar para conferir um sentido ao percurso. Difícil dizer o que mobiliza mais: a paixão pelo sentido ou o próprio jogo do fazer, o trabalho em processo.

Leonardo Villa-Forte

Mudanças ocorridas na percepção do espaço e do tempo a partir da segunda metade do século passado não deixaram incólume o campo da arte. A compressão do tempo num eterno aqui e agora tornou o futuro uma categoria obsoleta e fez do passado – a dimensão temporal de que as narrativas se alimentam – um arquivo cujos dados são incorporados ao presente, reciclados, através de diferentes processos de mixagem.

Ninguém renunciou mais esta atmosfera e as mudanças que ela imprimiria à literatura do que Jorge Luis Borges. Assim, já em 1941, o escritor argentino, no Prólogo a “O jardim de veredas que se bifurcam”, afirmava:

Desvario trabalhoso e empobrecedor o de compor vastos livros; o de espalhar em quinhentas páginas uma ideia cuja perfeita exposição oral cabe em poucos minutos. Melhor procedimento é simular que esses livros já existem e propor um resumo, um comentário.

Ao optar pelo comentário, Borges debruçou-se também sobre livros que de fato foram escritos, diluindo as fronteiras entre ler e criar. Afirmava, assim, a leitura como apropriação, cuja síntese perfeita estaria na proposta de reescritura de *Dom Quixote*, de Cervantes, pelo personagem Pierre Menard, no conto “Pierre Menard, autor de Quixote”. Tal concepção descentrada do processo criativo, abalando dicotomias rígidas, ajustava-se bem à posição ocupada pelos escritores latino-americanos, leitores da tradição literária europeia, mas situados às margens da cultura ocidental.

A alusão à relação entre escritura e leitura estabelecida por Borges nos permite dimensionar mais adequadamente a importância

do trabalho realizado por Leonardo Villa-Forte, não só como teórico, mas também como criador. Permite compreender de onde vêm a vitalidade de seu pensamento e a originalidade das ideias expostas no livro que o leitor tem em mãos, que dialoga com a vertente norte-americana da chamada escrita não criativa, de Kenneth Goldsmith, mas, ao refletir sobre a literatura na era digital, não perde de vista o lugar a partir do qual a contempla. Lugar que confere um sentido ainda mais amplo à pergunta do autor sobre como construir uma identidade para si se suas ferramentas são as vozes dos outros.

Assinalando que os procedimentos de apropriação de materiais preexistentes não são um fenômeno novo no campo da arte, nem tampouco ocorrem exclusivamente na literatura, *Escrever sem escrever: literatura e apropriação no século XXI* insere historicamente essas práticas para chegar à análise dos matizes que assumem na era da cultura digital, quando as ferramentas e mecanismos disponibilizados por computadores facilitam e estimulam o deslocamento de conteúdos de arquivo de um suporte para outro, assim como viabilizam alterações, à escolha de cada usuário, neste mesmo conteúdo. Somos, então, lembrados de que a reutilização e o reaproveitamento têm sido não só uma característica das artes contemporâneas como uma das maiores forças determinantes de nossa sociedade industrial-tecnológica.

Diante desse quadro, o autor parte de indagações, ainda pouco presentes nos estudos da área de letras, mas de extrema importância para se pensar a produção literária hoje: considerando o rumo tomado por outras artes como, por exemplo, a música eletrônica e suas técnicas de sampleamento, como a literatura se apresenta no contexto de expansão das chamadas práticas de pós-produção? De que maneira escritores têm trabalhado com a cultura de apropriação, levando em conta que, no campo da literatura, valores como a originalidade e a expressão autoral individual foram sempre tão marcantes? Que aproximações podemos fazer entre a estética do recorte e da colagem de vanguardas como o dadaísmo e o surrealismo, ou outras mais recentes como a chamada neovanguarda dos anos 1960, e as práticas coevas de pós-produção na literatura? Em

que medida as citações correspondem, no texto literário, ao que o *sample* constitui na música?

A partir de tais interrogações, Leonardo Villa-Forte problematiza o descentramento da autoria gerado pelo gesto de deslocar fragmentos de um texto original para inseri-los em outros contextos, apagando sua origem, e oferece ao leitor uma instigante reflexão sobre as desestabilizações provocadas pela prática da escritura como deslocamento ou montagem de outros objetos culturais. Leonardo considera que, no campo literário, pode parecer estranho associar um nome de autor a um texto que não se fez do próprio punho daquele que reivindica a autoria. Já em outras artes, nas quais o deslocamento e a montagem são mais explícitos que na literatura, essa autoria é mais facilmente aceita. Então ele lembra o destaque que a montagem adquiriu no audiovisual, a importância que Eisenstein lhe conferiu, no que diz respeito ao cinema. Aliás, um dos grandes méritos de Leonardo, neste livro, é a capacidade de deslizar entre os diversos campos artísticos e, consequentemente, a perspectiva transdisciplinar que adota.

Escrever sem escrever: literatura e apropriação no século XXI aborda, assim, questões fundamentais suscitadas pela arte na contemporaneidade, dentre elas, a da relação entre valor estético e originalidade. Passando pelos *ready-mades* dos pintores da vanguarda, como Pablo Picasso e Georges Braque, Leonardo chega ao “Manifesto da literatura sampler”, de Frederico Coelho e Mauro Gaspar, publicado no jornal *Plástico Bolha*, ao livro *Day*, de Kenneth Goldsmith, e à sua própria série de colagens *MixLit*, discutindo a noção de originalidade e temas como os direitos do autor. Em consonância com o pensamento de Borges, ao qual nos referimos no início desta apresentação, observa: “O que as práticas de apropriação operam como diferença é justamente a mudança da leitura como autoria ‘implícita’ para uma autoria ‘explícita.’”

O autor se debruça, então, sobre obras de apropriação que se utilizam de diferentes tipos de fontes, lançando mão de textos literários, mas também de textos não literários, como o discurso alheio comum (discursos na internet, discursos orais múltiplos ouvidos na rua), e discursos radiofônicos.

Num momento em que historiadores da arte, como, por exemplo, Hal Foster, referem-se ao surgimento de um “impulso arquivístico” que teria se apoderado do mundo das práticas artísticas, enfatizando a consolidação, na atualidade, de uma “cultura de arquivo”, *Escrever sem escrever* nos convida a refletir não só sobre o caráter estético desse movimento de retomadas, reinterpretações, reutilizações de textos, mas também sobre seu caráter ético e político. As análises realizadas por Leonardo Villa-Forte destacam os arquivos como fontes fundamentais para a criação, mas não deixam de problematizar a lógica de arquivo como valor absoluto. Para nós latino-americanos, muitas vezes acusados de copiar modelos vindos do centro, de não atingir a tão almejada originalidade, o livro tem a vantagem adicional de chamar a atenção para o fato de que o gesto de armazenamento, de reprocessamento e de montagem de materiais preexistentes, tão constitutivo das culturas periféricas, tornou-se emblemático na arte contemporânea, matriz da figuração da temporalidade.

Vera Lúcia Follain de Figueiredo
Professora dos Departamentos de Letras e
de Comunicação Social da PUC-Rio